

A LITERATURA INFANTIL NA LITERATURA BRASILEIRA

Fernando CARVALHO*

A literatura infantil teve início tardio entre nós. Aliás, em todo mundo qualquer coisa feita com a atenção voltada para a criança ou para a juventude só muito tardiamente foi feita com algum respeito a essas faixas etárias, pois o que se fazia para elas eram as normas que deveriam norteá-las para o serviço que a sociedade esperava de todo aquele que ingressava na condição de cidadania. Praticamente não se precisava fazer nada pois a sociedade estava de tal modo estruturada que ao atingir a condição de adulto o homem só tinha que ingressar como peça na engrenagem. Assim a criança ou o adolescente eram encarados somente como o futuro adulto e o processo educacional consistiu somente na preparação da criança para a fase adulta. E isso veio vindo pelos tempos até a idade moderna, sendo que o universo da criança continuava sendo posto de lado; não se precisava conhecê-lo para o trabalho de educação, para o qual a autoridade e os castigos eram mais do que suficientes. O que liam as crianças eram normalmente as obras escritas para adultos nas quais havia razoável dose de fantasia; o que naturalmente ocorreu entre nós, conforme os versos de reminiscência de Carlos Drummond de Andrade:

"Eu sozinho, menino, entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé".

* Docente do Programa de Pós-Graduação

Foi menino entre mangueiras o nosso poeta até por volta da metade da década de 1910.

Na Europa, começam os estudiosos do gênero popular e folclórico como os irmãos Grimm e outros a publicarem os livros que naturalmente são por muitos considerados como gênero dirigido ao público infantil por serem histórias fantasiosas, tendo muitas vezes como personagens crianças ou animais ou contando com a animação do mundo vegetal. O que logo irá caracterizar essa literatura, que dará origem à literatura infantil propriamente dita, é a sua relação com o universo mítico, não somente no que se refere à sua liberdade com relação ao plano real, como também com a sua constituição de casos populares, de narrativas que se vinham montando em várias fases históricas, com acréscimos e variantes de vários locais e de mais de uma geração, até que uma das versões, que oferecia um teor maior de unidade, era anotada ou recolhida por algum estudioso, como foi o caso dos irmãos Grimm.

No nosso caso, o processo não poderia ter essa marcha que se verificou na Europa. Na Europa, a atitude diante da cultura popular, a sua valorização inicia-se com o Romantismo que procura tomar consciência dos elementos da cultura popular, não somente como atitude de valorização do povo, mas também como atitude nacionalista, uma vez que os elementos da cultura popular seriam os legítimos representantes da nação. Assim deveriam constituir a parte principal da literatura que se quisesse realmente de cunho democrático, representativa do que realmente existisse de mais autêntico no processo de afirmação do espírito da nação e do espírito humano de modo geral, uma vez que as aspirações e as atitudes de toda criatura humana em face da vida e do universo estavam representadas nesse processo espontâneo de criação. Mas essa concepção por mais legitimidade que tenha, sempre se esqueceu de que o universo da criança não podia ser o mesmo do adulto, que essa

criação popular, por mais espontaneidade que apresentasse, não podia participar dos dois mundos, o da criança e o do adulto; e que o problema do universo infantil não se podia definir somente em função do que era considerado pelo adulto como universo onírico, como se tudo que o adulto sonhasse pudesse constituir para a criança um mundo ideal. No fundo, a criança tinha que ser o adulto em miniatura, como se tudo que constituísse uma realidade convencional fosse parte da natureza de homem e todas as normas de comportamento fossem naturalmente se incorporando ao homem na medida em que a idade fosse chegando. Nem era lembrado quanto castigo havia sido necessário à criança para se transformar em um desses adultos opressores e enganadores de crianças e de adolescentes. Esse adulto também não se lembrava das suas angústias passadas, do sofrimento de ver a impossibilidade de exteriorizar aos outros o seu mundo, totalmente diferente do universo para o qual estava sendo à força preparado.

No nosso caso, o drama deveria ser mais agudo. Murilo Mendes lamenta a ausência do universo mítico na sua infância; e naturalmente seu lamento representa o de todos nós que tínhamos o horizonte imenso sem lugar para os nossos devaneios e só a nos comunicar um universo que não poderia ser o nosso, como nos sugere ou como nos mostra claramente o citado "Infância", de Carlos Drummond de Andrade:

"Meu pai campeava no mato sem fim da fazenda".

O mato sem fim despovoado de qualquer entidade que desse ao menino algo mais do que o simples espaço, onde havia um pai mergulhado na solidão, que não poderia trazer de lá qualquer coisa ao menino, pois de lá poderia trazer apenas o cansaço, ou algum desgosto devido a prejuízo com animal morto ou roubado, ou qualquer dano de queimada ou arrombamento de cerca; e essas não seriam histórias para universo de qualquer criança

e não podiam sequer ter significado para o cotidiano dela. Para essa criança, aliás, devia existir muito pouca coisa onde não existissem as brincadeiras infantis, como acontecia em muitas fazendas. É esse o pobre mundo em face do qual o poeta Murilo Mendes fazia o seu grande lamento, lembrando ainda que nem o mito que teria algo de mau, como o Saci Pererê, significava qualquer coisa.

Muita gente se refere a histórias contadas por tias ou por velhas, mas mesmo essas não sei se eram tão freqüentes no País, pois apesar de muitos falarem na existência disso, a parte principal que seria a obra memorialística, na forma oficial de memórias, ou na ficção de que faça parte o documentário de momentos da infância, ou do interior familiar não mostra esses contadores de histórias, como também não vemos personagens se lembrando de casos ouvidos na infância. As histórias contadas pelos que participavam do mundo que as gerava parece que se referiam somente ao universo do adulto, como nos faz pensar inclusive o caso de Guimarães Rosa, de quem sabemos que andou entre os caboclos de caderno e lápis em punho e não temos notícia de qualquer coisa por ele ouvida na infância que tenha servido de motivo a suas histórias ou a qualquer parte delas. Mas de qualquer modo, se esse universo existiu, foi ignorado pelos autores que entre nós pretendiam realizar uma literatura infantil.

Entre nós, o que era chamado de literatura infantil não passava de textos que tinham a educação por motivo principal, enfim que visavam à preparação da criança para o ingresso no mundo adulto, à recepção de lições de civilidade que complementariam as lições recebidas nas escolas e os castigos recebidos em casa. Pelos livros destinados às escolas primárias se pode fazer uma idéia do que seria a nossa literatura infantil, pois era freqüente até a identificação entre literatura infantil e literatura escolar, como no caso de livros de Olavo Bilac e Coelho Neto.

Por outro lado, não temos o direito de culpar os nossos autores, pois afinal esse universo básico para uma literatura infantil não lhes era oferecido pelos caminhos que tomou uma inteligência que desconhecia totalmente os motivos populares e por uma sociedade que marginalizava os depositários dessa cultura popular, que seriam os descendentes de negros e índios.

Antes que se iniciasse o processo de transplante ou de imitação da literatura infantil que afinal surgiu na Europa, Monteiro Lobato descobriu o caminho que o torna um dos nomes mais respeitáveis e queridos entre nós. Monteiro Lobato sempre foi uma criatura lúcida. Ao pensar na realização de uma obra infantil, naturalmente percebeu logo que não tínhamos esse universo mítico, graças ao qual a criança reconheceria o seu mundo nas páginas do livro. Por outro lado, graças à lucidez havia nele a ausência do ufanismo vazio conservado e estimulado por autores do início do século, que não conseguiram desfazer-se da herança dos tempos do Romantismo. Mas, no mesmo período, apareceram os que substituíram esse ufanismo pelo espírito propriamente nativista que sempre consistiu no esforço para o conhecimento do País e na tentativa de buscar um meio de atuação que resultasse em novos rumos ao menos para a nossa atividade intelectual. Assim, não iria exaltar vultos históricos somente conhecidos através de livros escolares que mereciam não somente a indiferença, mas até mesmo a aversão de todos os que eram obrigados a manuseá-los: alunos ou professores que jamais quiseram reler tais livros. Monteiro Lobato, com a sua lucidez, percebeu logo que não se poderia destinar às crianças livros que não falassem a sua linguagem, isto é, sem um conteúdo que se relacionasse ao seu universo espiritual. Mas esse universo, para nós, não é muito fácil descobrir. Como seguidores mais em menos passivos do mundo chamado desenvolvido podíamos ligar logo o universo infantil ao mundo dos mitos, se não caíssemos logo na armadilha da

literatura educativa ou catequética, para a qual não haveria que se preocupar com essa linguagem ou com esse universo mítico, mas simplesmente fazer com que a criança fosse introduzida no universo do adulto e na condição do cidadão voltado para os valores do País, interessado no seu espírito através do conhecimento e da admiração de homens e acontecimentos que constituem a sua história e as suas tradições.

Monteiro Lobato percebeu logo os dois caminhos equivocados. Um, aquele em que se meteu a nossa literatura infantil, o caminho patrioteiro, moralista. O outro, o que seria legítimo para os países em que realmente existia um universo mítico, pelo qual foi moldado um universo de tradições em que a própria história se impregnava delas e com elas passava a existir fora da historiografia oficial. Mas entre nós, homens e fatos da história, ao invés de participarem da cultura ou da tradição oral com a impregnação do universo mítico, encontravam-se somente nos livros escolares que não interessavam a ninguém e eram tolerados na medida em que a sua leitura se limitava às aulas, em que havia os exercícios de leitura.

Podemos dizer que o mundo da fantasia ou da lenda, criação popular paralela à história, também era existente entre nós, mas somente conhecido através de livros e, portanto, reservado apenas ao adulto - destiná-lo à infância seria criar qualquer coisa sem o menor sentido.

Monteiro Lobato solucionou o quase insolúvel problema, fundindo mito e quotidiano. O seu espaço é o sítio habitado por personagens que são os meninos de todo dia, só que entre eles há uma boneca e um homem - criança feito com um sabugo. E vivendo episódios comuns, ao mesmo tempo imaginavam e fantasiavam. O sítio, local como tantos existentes em todo o interior do País, mas desconhecido da maioria dos meninos em condição de ler alguma coisa, é esse lugar fantástico com o qual a criança consegue se familiarizar. Nesse

espaço, o escritor simplesmente coloca os personagens nas conversas e incidentes, que se vão desenrolando conforme passam os dias, para os quais não existe um fim predeterminado e nem um eixo principal para as ações, como seria de se esperar em obra de ficção.

O que alguns depreciadores ou detratores de Monteiro Lobato não perceberam é que ele compreendeu que está escrevendo para gente de um meio sem o suporte mítico, segundo o qual são elaboradas as histórias com um tema que subordina todos os atos e comportamentos e os conduz a um final desejado ou aceito pelo leitor ou expectador. O mundo do autor é o mundo da criança e ele tem a precaução de não violentar a mente do menino leitor que não conhece o sobrenatural, cujos temores nem se ligam a um mundo e nem a entidades estruturados. São temores ou mágoas de alguém que sofreu algum processo de hostilidade ou de ameaça.

Para um moralista, como foi Monteiro Lobato no melhor sentido, era necessária a depuração desse universo, eliminando dele os fatores negativos, ou seja, os momentos de ódio, ou de qualquer processo de desumanidade para dar lugar somente ao que constitua os dados em torno dos quais gostaríamos de viver. Assim, o universo das personagens de Monteiro Lobato está constituído por momentos de lazer ou por motivos do conhecimento, que estão sempre a aguçar a atividade das crianças; e o escritor acaba por integrar nesses motivos de aprendizado, os próprios conhecimentos que são impostos às crianças nos bancos escolares, mas transformados no que realmente poderia representar para a criança a revelação de uma parcela do mundo, libertando o leitor do caráter bestialógico dos livros didáticos que acumulam de tal modo os nomes e as descrições de coisas da natureza e da civilização, que acabam perdendo totalmente o significado, a ponto de mesmo o que a criança por acaso conhece pessoalmente poder tornar-se

totalmente irreconhecível: quer dizer, a criança jamais ligaria o nome de um rio que já poderia ter atravessado, ou de uma montanha que tivesse escalado, ao nome que se vê na página do livro escrito com palavras que não são as mesmas com que está habituada a refletir ou a comunicar-se.

Monteiro Lobato adapta seu universo à vida mental da criança, lembra-se de que a criança tem desejo de saber, que ela apresenta uma insaciável curiosidade e que arrefece a sua sede de conhecimento justamente quando o adulto ou a escola começam a fazê-la conhecer o que ela não perguntou e, assim, a barrar a sua corrida de encontro aos fatos e coisas do mundo. Primeiro, ele reduziu o mundo de informações ao que a criança iria perguntar ou procuraria compreender. Depois usa uma linguagem próxima à que a criança costuma ouvir e com a qual procura pensar ou devanear. Dentro desse mundo, a criança não se sente estranha; e, por outro lado, alguma coisa ele tem do universo infantil pois, ao lado da boneca e de uma criatura feita de sabugo, tem os animais que também falam, só que esses seres sobrenaturais estão praticando as ações mais naturais e falando a linguagem da vida comum.

Lembremos mais uma vez, o escritor sabe que o sobrenatural, nas ações e na linguagem, não pode significar qualquer coisa a quem não tem com ele qualquer convívio, através de conversas apoiadas num universo mítico, ouvidas de adultos ou dialogadas entre as próprias crianças. Esses seres encontrados não vão povoar regiões encantadas, nem presenciar ou praticar ações de um mundo encantado. Vão conversar sobre costumes e problemas de crianças. Vão falar do que têm que aprender na escola e, se Monteiro Lobato os faz aprender aritmética ou geografia, gramática ou história, não é por querer realizar um trabalho utilitário a auxiliar a criança na tarefa do aprendizado complementando ou, podemos dizer, corrigindo o trabalho escolar, que entre nós somente resultava em aversão do aluno para com a

escola e na anulação da curiosidade infantil. É que também a matéria de seus livros é parte do universo desses a quem eles são dirigidos; todas esses ramos do conhecimento lhes são apresentados em livros, cadernos, ou numa lousa que devem fazer parte dos pesadelos infantis, de modo que falando deles estará mais próximo do mundo dessas crianças do que se fosse narrar lendas e histórias míticas, com as quais nossas crianças não tinham o mínimo contacto.

Normalmente, os censores detratores integrais de Monteiro Lobato, os que pretendem negar o reconhecimento até a sua literatura infantil, apontam justamente essa ausência do universo mítico como atestado de não ter ele realizado o que se pode considerar literatura infantil, porque os seus livros se resumem de um lado em coisas práticas, numa espécie de obra escolar e, de outro, em piadas que podem apresentar algum sabor para o leitor infantil. Esquecem naturalmente que estão definindo literatura infantil pelas obras européias e por conceitos de literatura infantil estabelecidos por europeus; não percebem que o nosso universo infantil é outro e que mesmo o autor de livros para adultos tem que observar as peculiaridades de sua cultura para a autenticidade de sua obra, apesar de estar escrevendo para o leitor que tem que estar familiarizado com a literatura desse outro mundo, para quem não seria estranho o que foi produzido numa cultura que tivesse os mitos que ele não conhece.

O autor infantil produzia de acordo com a leitura do que foi produzido lá fora, da qual deveria somente aprender uma técnica, como se deveria sentir duplamente traidor do seu universo e do universo do leitor. Isso percebeu Monteiro Lobato com toda lucidez e, com toda honestidade, construiu o seu universo de acordo com a convivência e a experiência que teve do seu meio. As crianças de nosso meio são as mesmas que, adultas, se se voltam para o passado, o que terão a lembrar, com sentido poético, será só o que

lembraram os poetas, como Casimiro de Abreu a correr atrás de borboletas e apanhar mangas, a receber carícias da mãe e beijos da irmã (na realidade as evocações não condizem com as reais experiências da idade de oito anos, em que as repreensões de uma e os desentendimentos com a outra devem ser bem mais freqüentes). Mas, nota-se aí que o universo da infância não é povoado de qualquer fantasia de menino que ouvisse belas histórias de um mundo povoado de belezas e coisas edificantes que gostaria de ver presentes na vida ou nas intenções dos homens e que, sentindo-as perdidas, lamenta a perda da infância e o desaparecimento desse mundo. Para um romântico, seria mais belo e representaria um motivo de sofrimento maior esse mundo perdido cheio de belos motivos que deveriam constituir a vida realmente digna de ser vivida, o mundo que respondia ao mundo interior, um correspondendo ao outro, alimentado-se reciprocamente. Mas o fato é que para a existência e evocação desse mundo era preciso a existência de uma atmosfera de sonho, de aspirações, que os mitos ajudam a criar, como ajudam ainda a criação de um mundo sonhado às vezes ao qual nem se pretende alcançar, mas no qual se gosta de pensar, como quando se volta o olhar para uma distante e bela paisagem que se contenta em contemplar de longe. Mas essas coisas só poderiam ser motivo de saudade para quem conheceu esse amplo universo de idéias e de sonhos criado pelo escritor.

Tudo isso é para lembrar e reforçar o que diz Murilo Mendes a respeito do drama da criança dentro do mundo sem mito e o drama do adulto que viveu uma infância nesse mundo vazio, despojado do que devia ser de evocação e do que permitiria ao adulto falar a linguagem a ser compreendida pela criança, do único elemento que possibilitaria o diálogo entre os dois. Esse é o diálogo que Monteiro Lobato procura manter e, mais do que qualquer outro, ele compreende que o diálogo não pode ser mantido através da intenção clara de

falar à criança com o mesmo tom dos pais ou dos mestres que procuram trazer a criança para o seu mundo, sempre a mostrar-lhe o que têm o direito de esperar dela os adultos e a convencê-la de que a estão preparando para ser o que são eles na atualidade, como se fosse essa a aspiração da criança. Se Monteiro Lobato ensina à criança o que elas devem aprender na escola, é que assim consegue estabelecer um diálogo, já que a aprendizagem é parte da vida infantil. Mas, para isso, cria uma linguagem que procura manter a curiosidade e o espírito crítico da criança, fazendo com que ela veja com interesse o que na escola teria que aprender a duras penas, e nem sempre consegue aprender. Isso lhe é oferecido de modo a não despertar qualquer interesse ou apresentar qualquer sentido, expresso em palavras que não são as suas ou as do seu cotidiano. Por outro lado, não contêm essas palavras nada que a faça sentir-se diante do desconhecido que possa atrair a sua curiosidade. Também as pessoas que repetem as palavras do livro ou ditam coisas para serem escritas no caderno não têm o ar de quem fala de qualquer coisa que possa merecer curiosidade, pois falam com o ar aborrecido de quem gostaria de estar fazendo outra coisa. Em Monteiro Lobato, essas informações vêm misturadas com as conversas e discussões que fazem parte da vida das crianças, dos bate-bocas e de algumas revelações que apareceriam na fala de alguém que tivesse conseguido alguma informação maior ouvida de conversa de adulto. Só por estarem construídas no seu dia a dia rotineiro e fora da sala de aula as conversas já têm qualquer coisa do mundo da imaginação. Junte-se a isso a presença da fantasia representada por animais ou bonecos, que são como outras tantas crianças, que se conseguem integrar nesse meio com a maior naturalidade, como se a parte onírica fizesse realmente parte do mundo real. O tom de crônica ligeira não deixa em nenhum momento de estar presente. É um mundo pequeno como o nosso, ou talvez até menor do que ele, pois com

os seus incidentes pequenos, sem as grandes aventuras, à maneira daquelas com as quais muitos dos pretensos autores de literatura infantil mostravam o seu equívoco, pensando que as crianças iriam se entusiasmar somente por elas, quando parece que as crianças gostam delas somente no cinema ou, atualmente, na televisão. Criando esse mundo, pequeno nos incidentes, mas que deixa aberto largo horizonte à imaginação, Monteiro Lobato mostra ter muito bem percebido que a criança tem aptidão para o diálogo com o adulto, o qual, por sua vez, não precisa estar calculando ou escolhendo coisas absurdas ou grotescas para atrair o interesse infantil. O problema residiria somente em eliminar do texto o que possa depender de certas informações que a criança não tem ainda o mínimo interesse em adquirir. O que pode interessar a ela do mundo, ela sabe perguntar e sabe exigir a resposta mais precisa; por isso é desnecessário, como é inútil, estar o adulto a determinar o que a criança precisa aprender e isso sempre foi contraproducente. Ela já busca alguma coisa e não vai aceitar a busca determinada por outro que nem sabe explicar-lhe por que acha que deve buscar isso ou aquilo, pois o adulto nem sempre sabe por que procura ou porque aprende alguma coisa dirigido que é por todo um roteiro pré-traçado; e não reconhece que a criança não tem ainda a passividade na qual se enquadra todo indivíduo já integrado na sociedade. Pode-se reconhecer perfeitamente que mal a criança, através de pressões cada vez mais fortes, é integrada no mundo adulto, a sua curiosidade vai desaparecendo até chegar ao ponto em que não se esperar dela nenhuma interrogação.